

## Originalmente Lobão

Ano Branco



*Seu talento, sua arte e o perfil de polemista confesso dispensam apresentações. Igualmente sua percepção do Brasil. Em entrevista exclusiva à Diálogo, na livraria Argumento, no Leblon (RJ), por quase duas horas o cantor e compositor Lobão dissertou sobre o mercado ilegal que tantos prejuízos vêm causando às indústrias e à sociedade civil. Lobão conclama a sociedade a reagir: "Temos de dizer que não agüentamos mais", prega o cantor.*

em forma de impostos e o Brasil está no topo da lista das maiores cargas tributárias do mundo. O Brasil é um país rico e miserável, ao mesmo tempo, por pura má gestão. As indústrias têm seus impostos aumentados e são obrigadas a concorrer com uma parcela que não paga nada.

**D: Você foi um dos primeiros a protestar em Brasília contra a pirataria de CDs. Como os políticos reagiram?**

**L:** Poucos artistas aderiram a essa luta, como o Frejat, por exemplo. Em 97, a classe sofria da falta de um vilão conhecido e palpável dentro desse contexto da indústria fonográfica. O *axé music* vendia milhões e milhões de cópias e tudo parecia muito bem quando estava tudo muito mal. De repente, quiseram fazer da pirataria o vilão. Artistas sérios já lutavam pela numeração dos CDs há 30, 40 anos de maneira infrutífera. Houve um momento em que alguns compositores consagrados, como Caetano, Milton Nascimento e Chico, fizeram campanha contra a pirataria sem mencionar o papel da indústria fonográfica na questão. Fiquei indignadíssimo. Em Brasília, preguei: já que vamos fazer uma lei contra a pirataria, temos que distinguir quem é pirata e quem é vítima. Daí a importância da numeração de disco. Demolimos o conceito de vitimização. Antes não havia como controlar o número de cópias exatas vendidas.

**D: Qual foi o passo seguinte na luta para reduzir a ilegalidade?**

**L:** As gravadoras alegavam que a numeração era muito cara, que exigia uma tecnologia cara. Mas eu já havia feito de forma independente. Meu CD custava na banca R\$ 14,90. Qual é a mágica? Eu conseguia vender o meu pela metade do preço e numerado. Tomei a iniciativa. Foi aí que conseguimos instituir a numeração.

**D: Pesquisas indicam que o preço é o principal fator que atrai o consumidor para a pirataria. Qual seria a alternativa?**

**L:** Hoje em dia é muito difícil definir o que é pirata. O comércio na Internet, por exemplo, está se estabilizando e muita



gente não acha que é pirataria. Mas não acho cool você baixar músicas da Internet. Na Inglaterra, o consumidor pode até baixar, mas se ele gosta da música vai à loja e compra o CD do artista. As pessoas se sentem educacionalmente impelidas, inclusive porque sabem que dessa forma estão movimentando uma indústria, estão respeitando o trabalho do seu artista preferido, pois sabem da importância do direito autoral e respeitam o trabalho realizado. Aqui no Brasil falta educação. Quem está baixando vampirescamente tudo da Internet é a classe média, que tem poder aquisitivo mínimo para adquirir CDs.

**D: O que fazer para mudar a mentalidade do brasileiro?**

**L:** No Brasil existe uma cultura de ser esperto e levar vantagem em tudo. É o "livre-se das multas", furar filas, carros estacionados em fila dupla. Tudo isso é de uma mesma cultura de não respeitar o próximo. Para uma sociedade funcionar minimamente bem ela precisa ser ética. E aqui no Brasil isso ainda não acontece. O "vou me dar bem" não é exceção no Brasil. É uma regra. A ilegalidade perpetua a precariedade e a falta de respeito ao próximo. É preciso gerar emprego, bens de consumo. E a máquina industrial tem poder para isso. Por isso a necessidade de regras inteligentes para viabilizar a movimentação dessa máquina.

“Para uma sociedade funcionar minimamente bem ela precisa ser ética”

**Diálogo:** Recentemente a Polícia Federal desarticulou a maior rede de contrabando de cigarros do país.

**Como você acha que a sociedade pode contribuir para a solução do problema?**

**Lobão:** No caso do cigarro, as pessoas parecem não se preocupar com a qualidade do produto. Sabemos que há riscos em fumar, mas quem escolhe fumar sabe que o cigarro produzido por indústrias sérias segue rigorosos padrões de qualidade. Ainda assim, muitas escolhem o cigarro falso. Essa esperteza é um atalho burro que só causa caos à sociedade. O brasileiro não se valoriza. Ele se acostumou a subprodutos. Essa sociedade é a tábula rasa do nosso fracasso. A união entre setores da sociedade civil dará poder de cobrança pela necessária reforma tributária. Precisamos fazer um movimento com toda a sociedade dizendo “não agüentamos mais”.

**D: A sociedade precisa fazer a sua parte. E o Estado?**

**L:** A PF e a Receita estão trabalhando para minimizar essa transgressão de regras. Mas isso não é suficiente. Como está, o Estado beneficia a informalidade. Muda o governo, o tema entra em debate, mas nada acontece. Isso deveria ser prioridade zero. Um terço do nosso trabalho vai para o governo